

## Ipupiara, Negro D'Água e Jaguaruçu, monstros das lendas coloniais

Categories : [Olhar Naturalista](#)

*“Na Capitania de São Vicente, sendo já alta noite a horas em que todos começavam de se entregar ao sono, acertou de sair fora de casa uma Índia escrava do capitão; a qual lançando os olhos a uma várzea que está pegada com o mar, e com a povoação da mesma Capitania, viu andar nela um monstro, movendo-se de uma parte para outra com passos e meneios desusados, e dando alguns urros de quando em quando tão feios, que como pasmada e quase fora de si se veio ao filho do mesmo capitão, cujo nome era Baltazar Ferreira, e lhe deu conta do que vira, parecendo-lhe que era alguma visão diabólica... andava ali uma coisa tão feia, que não podia ser senão o demônio.*

*Então se levantou ele muito depressa e lançou mão a uma espada que tinha junto de si... e pondo os olhos naquela parte que ela lhe assinalou viu confusamente o vulto do monstro ao longo da praia, sem poder divisar o que era, por causa da noite lho impedir, e o monstro também ser coisa não vista e fora do parecer de todos os outros animais.*

*E chegando-se um pouco mais a ele, para que melhor se pudesse ajudar da vista, foi sentido do mesmo monstro: o qual em levantando a cabeça, tanto que viu começou de caminhar para o mar donde viera. Nisto conheceu o mancebo que era aquilo coisa do mar e antes que nele semettesse (sic), acudiu com muita presteza a tomar-lhe a dianteira, e vendo o monstro que ele lhe embargava o caminho, levantou-se direito para cima como um homem ficando sobre as barbatanas do rabo, e estando assim a par com ele, deu-lhe uma estocada pela barriga, e dando-lhe no mesmo instante se desviou para uma parte com tanta velocidade, que não pode o monstro levá-lo debaixo de si... o grande torno de sangue que saiu da ferida lhe deu no rosto com tanta força que quase ficou sem nenhuma vista: e tanto que o monstro se lançou em terra deixa o caminho que levava e assim ferido urrando com a boca aberta sem nenhum medo, remeteu a ele, e indo para o tragar a unhas, e a dentes, deu-lhe na cabeça uma cutilada mui grande, com a qual ficou já mui débil, e deixando sua vã porfia tornou então a caminhar outra vez para o mar.*

*Neste tempo acudiram alguns escravos aos gritos da Índia... e chegando a ele, o tomaram todos já quase morto e dali o levaram à povoação onde esteve o dia seguinte à vista de toda a gente da terra.*

*Era quinze palmos de comprido e semeado de cabelos pelo corpo, e no focinho tinha umas sedas muito grandes como bigodes... Os índios da terra lhe chamam na sua língua Hipupiara, que quer*

*dizer demônio d'água”.*

Essa é a versão curta da estória onde Pero de Magalhães Gandavo descreve como um monstro marinho conhecido por Ipupiara foi morto por um fidalgo português no litoral de São Paulo em 1564. Uma ilustração acompanha o relato, parte de seu livro História da Província de Santa Cruz, publicado em 1576, e é reproduzida aqui.

## **Fascínio**